

O emocional lúdico

J. Roberto Whitaker Penteadó

O campeonato mundial de futebol é útil ... não porque exalta as nações, mas porque mistura as raças, as cores, as paixões. Em suma, mostra as condições elementares da liberdade.-Toni Negri, filósofo italiano

Terminado o jogo do pentacampeonato, não podendo descer às ruas para festejar já que não estava em São Paulo ou no Rio, mas no Vale das Araras, na Serra de Petrópolis dirigi-me ao computador, para saber através da Internet o que o dizia o resto do mundo a respeito da nossa vitória exemplar.

A não ser pelo jornal Frankfurter Allgemeine, que compreensivelmente viu a nossa conquista pelo lado da perda deles, e mancheteou: Através de falhas de Kahn Ronaldo acaba com o sonho do título alemão, as manchetes e reportagens dos jornais que visitei La Nación (Argentina), El País (Espanha), Le Monde, L'Equipe (França), Corriere della Sera (Itália), New York Times e The Guardian (Inglaterra) eram todas muito favoráveis ao Brasil, quando não esparradamente elogiosas. Tanto os argentinos como os franceses deram manchetes em português: Pentacampeão, em L'Equipe, e O Rei do Mundo em La Nación (referindo-se a Ronaldo). Achei a do Guardian a mais simpática de todas: Não foi nenhum clássico, mas teve um final de conto de fadas. Objetividade jornalística inglesa, com o toque justo de fantasia.

Sei que quase tudo foi dito e escrito sobre o nosso pentacampeonato. Mas há três aspectos que me chamaram a atenção e sobre os quais nada vi nem li.

Primeiro: essa foi a primeira vez que um país conquistou uma Copa do Mundo em ano palindrômico (2002 é número que se lê igual nos dois sentidos). E provavelmente a última, pois, em 1991, não houve Copa e a próxima será (ou seria) em 2222 e não se sabe se essa competição durará mais 220 anos...

Numa ótica um pouco mais séria, há que considerar o fato apontado pelo filósofo italiano e que lí num interessante artigo circulado na Internet, sobre futebol e globalização. O campeonato mundial é o único evento que, de fato, pode ser considerado global naquilo que o conceito encerra de mais positivo.

Foram 32, os países e apresentando todos os continentes que se confrontaram nos estádios de dois países asiáticos, diante de centenas de milhares de cidadãos desses países, e assistidos simultaneamente por uma parcela considerável de toda a população terrestre, em todas as nações do planeta, sem exceção.

Essas nações estavam ali, vestindo as cores de suas bandeiras, não como escreveu Negri para participar de "um anacronismo singular, em que guerreiam ainda, umas contra as outras", mas para tomar parte num magnífico ritual. Onde há vencedores e vencidos certo mas em que não há mortes nem conquistas, cabendo a cada um o direito de recomeçar, um quadriênio mais tarde.

Melhor: esses povos e culturas encontram-se num foro neutro (com exceção dos anfitriões) em que todos se exprimem em uma só linguagem, sem necessidade de intérpretes. Seja onde for que possa estar o espectador-testemunha no Quênia, na Mongólia, na Nicarágua ou no Timor-Leste verá desfilar franceses e senegaleses, paraguaios e sul-africanos, turcos e brasileiros, poloneses e portugueses, irlandeses e camaroneses, suecos e argentinos, croatas e equatorianos, belgas e japoneses como se fossem amigos distantes ou parentes próximos. Não só todos falam a mesma língua, como todos se equivalem em capacidades e oportunidades ou não houve uma chance absolutamente real de que a partida final fosse disputada entre Turquia e Coréia do Norte?

Finalmente, acho importante considerar o que ganhou o Brasil com essa vitória, além da taça de ouro. Quanto valeu em termos de imagem nacional a visão compartilhada universalmente dos chutes de Rivaldo e Ronaldo, da ginga de Ronaldinho, da histrionice de Felipão, dos

bloqueios de Marcos, da determinação de Roberto Carlos? Mais: a dinástica dignidade com que Cafu ergueu a taça; os três jogadores em pranto, envoltos pela bandeira e a grande mandala humana, em preces no centro do campo.

Não há poder econômico ou militar que consiga em tão pouco tempo e com tal abrangência atingir grau comparável de hegemonia global, entre mentes e corações. E sem mágoas ou ofensas, mas com emoção e divertimento. Como num conto de fadas.

O Globo 3/7/2002 - Pg. 7

Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=420&ID=98>>. **Acesso em:** 28 jul. 2009.